

2ª Parte

*Somos os saltadores de abismos,
os que restam sempre dos grandes circos
e se deixam ficar pelas estradas,
de face triste e olhar perdido ao longe...*

• *(Otacílio Colares — Três Tempos de Poesia.)*

— A MOÇA do padre esteve aqui e disse que voltava amanhã para conversar mais à vontade com a gente. Quer te fazer também umas perguntas.

— Pra que?

— Diz ela que os padres estão interessados em nós.

— Por que?

— Sei não. Ela é muito boazinha. Talvez pediu pela gente.

— Negócio com padre não me cheira bem. E agora, que largaram a batina, vivem por aí namorando, enganando as moças, botando chifre em muito marido abestado.

— Espera aí, homem! Não vá dizer que...

— Não! Contigo, não! É que só fazem alguma coisa por interesse. Não te lembra quando o padre Moacir me levava para as quermesses? O sacana queria que eu ficasse na Barraca do Ceará só para atrair a atenção do povo e as mocinhas venderem os votos.

— Padre Moacir, Bilinha, era um santo. Tão bonzinho!

— Bonzinho uma ova! Ele me levava porque tinha a certeza de que os torcedores do Ceará correriam à barraca para me ver, conversar comigo. Aí as mocinhas entravam e tome passar rifas e vender votos para a eleição da rainha.

- Nunca mais eu vi ele. Será que morreu?
— Também não. Era doente pelo Ceará!

Bilinha e Matilde, sentados em frente da casinha, as cabeças quase ao nível do calçadão do Canal, conversavam descontraídos àquela hora, indiferentes ao avançar da noite. A casa em silêncio, os meninos recolhidos às tipóias, a lamparina de pavio grosso iluminando a sala apertada.

Nessas ocasiões, comumente vinham à tona flagrantes dos bons tempos em que a casa do Jardim Americano, toda mobiliada, o rádio sempre ligado, vivia cheia de gente, os colegas e os fãs de Bilinha discutindo futebol, as vizinhas amigas de Matilde provando do bom e do melhor. Mareco e Tildinha, pequeninos, de braço em braço, mimoseados. A mulher, às vezes, se enciumando ao ver o marido dar atenção às mocinhas.

Pouca coisa restava da antiga casa. A rigor, apenas a bandeira do Ceará, os retratos do time e do selecionado, singelamente emoldurados, as três faixas de campeão pelo mesmo Ceará e a taça azinhavrada, conquistada por Bilinha em decorrência do seu comportamento disciplinar em campo. Tudo se fora com a derrocada, logo nos primeiros meses após o encerramento do último contrato. O fogão a gás e o radiozinho de pilhas que possuíam, adquirira-os Matilde há pouco tempo, ambos de segunda mão. O fogão cedido pelo Seu Nozinho da bodega mediante prestações; o radiozinho para pagamento com lavagem de roupa.

— Às vezes fico pensando como fomos parar aqui nesta miséria...

— Sei não. Tudo se acabou tão depressa... Também a coisa no meu tempo era diferente. Não corria esse mundão de dinheiro que hoje se vê. Qualquer perna de pau, chutador de bola, vive nadando em dinheiro, sem saber nem como gastar.

— É!

— Não vê o pessoal do Ceará? Até gente do juvenil tem carro novinho do ano. Qual o jogador que no meu tempo possuía carro? Ainda hoje estive dizendo isso ao Zuca.

— Como vai o compadre? Faz muito tempo que não vejo ele nem a comadre Rita. Também moram tão longe e eu ocupada da manhã à noite!

— Do meu tempo, é um dos poucos que vai bem. Ele e o Popota. Cada qual com a sua mercearia sortida que dá gosto. O Popota já tem até filho doutor. Tu não te lembra dele, do filho?

— Sei.

— O resto vive tudo no miserê. Tem gente ainda pior do que eu.

— Pode ser que os padres dêem um jeito. As coisas às vezes melhoram dum momento pro outro. Se o Mareco se empregar, já é alguma coisa. Tu, também, quem sabe se eles não conseguem um pra ti.

— Se fosse fácil, eu já tinha conseguido. Quanto tempo faz que eu ando atrás de um. Emprego hoje só pra quem tem leitura.

— E o Mareco já não sabe ler?

— Ainda é muito pequeno.

— A gente começa é cedo. Se tu não tivesse perdido o tempo com futebol, talvez hoje fosse bem empregado.

— Não me arrependo, não.

— !...

— Bem empregado, onde? Em Ilhéus? Só se fosse em armazém de cacau ou no cais. Talvez até em pior situação, nas roças de cacau. Sapateiro é que eu não seria. Nunca tive a menor inclinação pela arte.

— Nem tudo que a gente faz é por gosto. A necessidade obriga. Não vê eu!

— É! Só sei que estou cansado de procurar emprego e nem promessa...

- Olha quem vem lá!
- Eita!
- Vamos entrar se não ele vai tentar passar pro lado de cá e acaba caindo no Canal.
- E hoje vem sem a carrocinha...

Não demorou muito e, mais uma vez, a tranqüilidade que àquela hora dominava todo o arruado deixou de existir.

— Você está pensando o que? Bebo porque quero, o dinheiro é meu. Não bebo às custas de ninguém. Se não estiver gostando, caia fora, égua descarada!

O doceiro Raimundo funcionava como uma espécie de despertador mal sincronizado. Quando menos se esperava, lá vinha o disparo. Felizmente que a corda logo acabava.

MATILDE quase não dormira, a noite toda com a moça do padre na cabeça. Mal pregava os olhos e logo a figura simpática de Irene a despertava do cochilo. Então entrava a imaginar como iria recebê-la no outro dia, Bilinha e os filhos presentes. Talvez viesse acompanhada da colega, a mesma que com ela estivera no riacho, semanas atrás. Concordara com a visita sem opor embaços aparentemente, mas no íntimo bem que gostaria que não se concretizasse. Amargurava-lhe ter de receber a estudante mais uma vez, desnudando-lhe toda a pobreza que a oprimia e ao marido.

Nesses momentos avivava-se-lhe em tintas fortes a lembrança dos bons tempos na casa do Jardim Americano. Lá, sim, muito teria que mostrar à moça, os meninos prontinhos, ela e o Bilinha metidos em roupas novas, sem esquecer o preparo geral da casa. Havia meses — e ela tornava a lembrar-se disso — em que Bilinha comprava de cinco a seis camisas novas. E os sapatos? E os cordões de ouro para o pescoço? Era uma das preocupações dele adquirir cordões e medalhas de São Jorge em ouro maciço. Raro o jogo em que não chegava com o cordão por emendar, partido pelo puxavão do adversário, que não conseguia seguir-lhe os passos na carreira. Às vezes seguravam com tanto vigor que a camisa se abria verticalmente, da gola ao cós.

— Só dá certo cordão fornido e bem comprido.

— Não adianta. A camisa cede e se parte do mesmo jeito.

Noutras ocasiões, cordão e medalha se perdiam no gramado dos campos.

Ah se ainda vivesse aqueles tempos! A visita lhe traria contentamento ao invés de apreensão e abalo. Haveria, no entanto, de reunir coragem para enfrentar a situação. Não lhe passava pela mente que os frutos da visita pudessem manter correlação com aquele atual estado de pobreza. Que dependeriam exatamente dele. Quantas ali no Canal não desejariam ter caído nas boas graças de Irene! A rigor, afora Seu Nozinho da bodega, todos, que não se conhecia na extensão inteira dos dois renques de casebres alguém em condição de bater nos peitos e afirmar que levava vida folgada. Quem, a não ser por muita precisão, se sujeitaria a residir em casinha, quase choupana, suportando a fedentina que exalava da sujeira acumulada (os animais mortos lançados no valado por sobre os monturos de lixo), o zunido constante das muriçocas, e o resto... Sim, porque o resto é que tornava o lugar ainda mais repelente e inconveniente.

Bilinha na ponta do Canal, sob a latada da bodega do Seu Nozinho, amiudava os olhares para a casa, enquanto Matilde diligenciava com a ajuda de Tildinha.

— Vamos botar a mesinha na sala. Pega lá! A gente ajunta com a outra.

— Não vá ganhar o mundo! Fique lá fora tomando conta dos meninos! Nada de bicicleta hoje!

— Sim, mãe!

Passava das 9 horas e nada de Irene. Os meninos, já impacientados, entravam e saíam, os corpos coçando sob as blusas ásperas, armadas pelo grude do engomado, as barrigas empinadas para a frente.

— Vocês secam o pote. . .

— Mãe, não vai botar logo a panela do feijão no fogo, não?

— Agora, não.

A “Voz do Oriente” estridulava na outra ponta do Canal, transmitindo as suas “mensagens sonoras de ouvinte para ouvinte”. Falava, como sempre, pela voz do locutor Zé Maria para “o Canal e adjacências”.

Bilinha também já dava mostras de impaciência. Atravessava o Canal cuidadosamente por sobre os dois rolos grossos de carnaubeira. Entrava em casa displicentemente, as mãos nos bolsos dianteiros das calças, puxando o cós da camisa.

— É bem capaz de não vir mais. . .

— Ainda penso que vem.

— Ora se esse povo tem palavra, mulher! Só vou esperar mais um pedaço. Estou lá a fim de passar o dia esperando por quem não vem!

— Seria bom convidar ela pra almoçar, só por delicadeza?

— E se ela aceitar?

— É! Convido não.

Apesar de manter-se aparentemente calma, falando e comportando-se com serenidade, Matilde entendia que o marido preferia mil vezes sumir, nem que fosse para andar por aí. Que não lhe era do agrado o encontro com a moça. A visita, muito mais a ele do que a ela, acarretaria o dissabor de revelações que preferiam sufocar. Não lhes bastava o opróbrio da permanência naquele infecto pedaço de chão, o desconforto e a necessidade fazendo-os imergir cada vez mais?

Nada mais a providenciar: a casa caprichosamente varrida e espanada, as coisas nos devidos lugares, as redes todas socadas na mala grande (como as coubera?),

outros trastes convenientemente escondidos (o penico por trás do pote, no canto da cozinha), ela e os meninos vestidos com roupas limpas. Só restava mesmo esperar.

— Mãe, já estou cansado de olhar!

A Mareco fora confiado o encargo de cuidar dos irmãos menores, principalmente de Toinho, o caçula estouvado, e de avisar a mãe da aproximação da moça.

— Cadê teu pai?

— Está lá na irradiadora, mas de vez em quando olha pra cá.

— Estão judiando com o meu filho! Não pode nem brincar... Coitadinho!

— Mãe, me dá pão!

— Pega, Mareco, vai com o bichinho na bodega. Nada de chicletes!

A angústia da espera acabara por trazer o pior: os calafrios que lhe chegavam em situações como a que estava a enfrentar. Dominavam-lhe o espírito e o corpo, assemelhando-se a moderadas descargas elétricas. Circulavam pelos condutores internos do organismo, convulsionando-o todo, para expelirem-se, rompendo as carnes, através dos pelos eriçados.

Levantou-se e foi ao pote. Talvez a água pusesse fim à angústia.

— Vem mais não, Matilde! Já passa das 11.

— É! Parece que sim...

— Não disse a você?! Esse povo é assim mesmo. Só tem conversa fiada, ainda mais com padre pelo meio!

Todos agora compartilhavam o exíguo espaço da salinha da frente. Os meninos, sem que a mãe os autorizasse, largavam as camisas, ao passo que as meninas

negligentemente se preparavam para a mudança dos vestidos. Bilinha reparava nos breves tremores de Matilde, o Toinho no colo, cheirando-lhe a cabecinha acinzentada.

— Meu filho está com fome?

— Tou.

— Mareco, pega! Compra meio-pão ali no Seu Nozinho!

Depois, soprando nos peitos pela abertura da camisa, procurou os olhos de Matilde e os dois chegaram, sem palavras, à conclusão de que a moça do padre faltara com a palavra.

MATILDE e Donana, postadas em seus pontos costumeiros, batiam desde cedo, o trabalho agora dificultado sensivelmente pelo minguado da água que alimentava o riacho em fins de ano.

À proporção que diminuíam as águas, tornava-se mais reduzido o número de lavadeiras. Algumas arribavam para mais longe, à procura de melhores condições. Iam ter à Lagoa do Bessa, em Porangabuçu, ou ao charco da Granja Paraíso, formado pelo mesmo riacho da Fábrica, lá para cima. Outras, reduzindo a freguesia, acabavam por acercar-se de cacimbões em terrenos alagadiços do Jardim Americano, conseguida a permissão, muitas vezes, na base do aluguel. Havia ainda aquelas que, simplesmente, suspendiam as atividades.

— Já viu, Matilde, como tem pouca gente, hoje?

— Está se acabando...

Rosa, sempre tagarela, cheia de repentes:

— Também a água ficando mais escassa do que garupa de jumento!

— Essa é doida!

— Só se for por homem, Donana!

Chagas não dava o braço a torcer. Persistia em seu lugarzinho, próximo à ponte, ao lado do ponto de mer-

cearia, aproveitando a lingueta d'água. De vez em quando se levantava e percorria, zigzagueando, o bundão subindo e descendo, o bizarro estrado de suas peças. Retornava ao posto, lançava olhares às outras e voltava a acocorar-se ensimesmada.

— Sabe, a moça do padre prometeu ir lá em casa ontem e nem foi... Ficamos esperando até o meio-dia, a casa arrumada, os meninos prontos. Disse que era pra conhecer o Bilinha e fazer perguntas a ele.

— Deve ter acontecido alguma coisa. Aquela não é de enganar!

Donana, por estar sempre ao lado de Matilde, ali no riacho, também se afeiçoara a Irene. Com ela conversava e dela ouvia as palestras. Os esclarecimentos que prestava, as perguntas que fazia, enfim, o interesse e a boa vontade demonstrada.

— Vai ver que esteve ocupada com o padre, resolvendo algum outro caso mais importante. Ela não tem cara de enganar!

— É! Na certa houve alguma coisa.

Irene, já preparada para sair, a sacola com lata de doce, bolachas e biscoitos e até meia-dúzia de maçãs. Padre Pedro chegara bem na hora, de carro novinho, e se comprometera a levá-la.

— Ótimo! Muito bem! Vou conhecer os seus protegidos. Como se chama mesmo a sua lavadeira?

— Matilde. O senhor vai ter a oportunidade de conhecer uma mulher muito bacana. E também o marido dela, o Seu Bilinha. Ele, eu ainda não conheço. Está esperando por mim. Fiquei de ir conversar com ele hoje.

Na viagem veio então a insistência para darem uma voltinha, um passeiozinho ligeiro. Não se preocupasse que antes das 10 horas estariam em casa de Matilde.

— Padre Pedro, fica para outra vez. Eu prometi que ia lá hoje.

— Não se aflija, menina! Voltamos logo.

Terminaram numa praia distante, aonde foram incorporar-se a um grupo de jovens do bairro que realizavam piquenique, padre Pedro um tanto sem jeito, buscando eliminar-lhe o aborrecimento.

— Você volta lá, amanhã. Explica que não pôde ir. Adoeceu de repente. Invente uma história qualquer.

— Para o senhor, tudo é muito fácil: uma mentirazinha e tudo se resolve. Para mim, não. Tenho horror a mentira.

— Uma mentirazinha assim não é pecado, menina!

Mareco encostou o monstrengo de bicicleta no velho chassis que servia de ponte. Vinha descalço e nu da cintura para cima, todo suado, os pés acinzentados da poeira. Arfava um pouco.

— Mãe, eu vim hoje. Tildinha ficou em casa. Não fez questão.

— É o teu mais velho, Matilde? Está um rapaz!

— E danado... Só quer saber agora de bicicleta. O pai se dana...

— Bate muito nele?

— Quê? Bater? Nem reclama! Se dana só por dentro. Só eu sei!

— Pois lá em casa o negócio é diferente. O cinturão come de esmola.

Mareco olhava desconfiado para Rosa, com vontade de mandá-la a um lugar qualquer. Que tinha ela de incomodar-se com a sua vida? Bem entendia não ser do agrado do pai andar metido com bicicleta. Percebera isso há pouco tempo, no encontro que não pudera evitar.

O pai fitando-o sem palavras, numa desaprovação que lhe doera na hora. Não contava dar mais com ele em casa, por isso entrara no Canal a toda. O jeito foi esbarrar bem juntinho dele e conversar aquelas coisas. O 29 se embriagando, o horror de gente na sede, torcedores esperando o ônibus que se deslocaria ao aeroporto para trazer a delegação.

- Mãe, vou dar uma voltinha. Volto já.
- Cuidado com os carros!
- Eu sei andar, mãe...
- Vá se confiando...
- Volto já.

Matilde recostou-se no muro, o riacho correndo ao lado, sensivelmente debilitado. Donana afastada, agitando uns panos. Rosa, trocando a conversa pelo cantarolar de uma canção em moda. Na outra ponta, Chagas, sempre taciturna, talvez sem pensar em nada ou, quem sabe, pensando em tudo. Ninguém ali lhe conhecia a vida, nem mesmo onde morava. Viúva? Podia trabalhar até para sustentar os filhos de alguma filha mal casada. Herança pesada, decerto, para ela, de tantos anos!

Levantou-se quase de uma vez. Persignou-se e beijou a ponta dos dedos. Soavam naquele instante as doze badaladas do meio-dia no relógio dos Remédios. Tornou a derrear-se no muro, sentindo o cheiro forte da cera de carnaúba fervente. Pensava agora em Bilinha e nos meninos.

POR DENTRO do balcão, Zuca, as páginas do jornal escancaradas, lia a reportagem, aqui e ali saltando uma palavra ou se demorando em compor a prosódia de alguma outra. Bilinha, do lado de fora, o cotovelo apoiado no pé da Filizola de pesos, concentrava a atenção na resenha. Acompanhava a leitura, lendo também com dificuldade. Antes, perderam um bom pedaço de tempo no exame das três fotografias que ilustravam a matéria.

- Aqui é contigo, Bilinha.
- Vou ver...
- Vê!

“Aqui em nosso futebol inúmeros são os exemplos de jogadores que brilharam intensamente, celebrando contratos em bases vantajosas, e que hoje vivem em precárias situações financeiras. Podemos afirmar, sem risco de contestação, que constituem a regra, sendo muito menos significativo o percentual daqueles que hoje desfrutam de boas ou razoáveis condições de vida.

“Quem não se lembra de Bilinha, o notável ponta-direita do Ceará? Marcou época com a sua velocidade e os seus gols sensacionais. Pois bem. Vive hoje desempregado, habitando um dos casebres do infecto Canal de Porangabuçu. Que fez ele dos polpudos ordenados, das luvas e dos “bichos” gordos pelas vitórias e empa-

tes? E notem que jogou sempre pela melhor equipe da cidade!

“Pergunte-se a Bilinha o motivo do seu atual estado de miséria e ele, coitado, dirá com certeza que ‘são coisas da vida’, que não teve sorte, que no seu tempo não havia tanto dinheiro como nos dias presentes. A verdade é que o dinheiro, ontem como hoje, nunca deixou de correr no futebol, mesmo na chamada era do amadorismo.”

— Que tal, Bilinha? Desde ontem que leio isso. Daqui a pouco não tem mais letra pra ler. Estão todas gastas...

— É muito fácil escrever tudo isso. Quem está de fora pensa que o negócio é assim, que só precisa abrir a boca do saco e jogar o dinheiro dentro.

Zuca largou o jornal para atender a uma freguesa.

— Guardei pra te mostrar. Tinha essa parte que falava de ti. O rapaz veio aqui, conversou mais de uma hora, o fotógrafo bateu os retratos. Ô bicho cachaceiro! Bebeu mais de meia-garrafa de Sapupara.

— Quem? O rapaz que escreveu ou o fotógrafo?

— O fotógrafo. Vá beber assim no inferno... Nunca vi!

— Quem é esse tal de Cesário?

— É o repórter da *Gazeta*.

— Eu sei. Quero saber se você conhece, se já conhecia.

— Fiquei conhecendo agora. Parece ser um bom rapaz. Diz que vai fazer uma campanha pra defender os jogadores de futebol. Veja aí no final que ele mete o pau nos clubes.

Bilinha recolheu-se ao lugarzinho de sua preferência, no laço de parede que separava as duas portas de frente da pequena mercearia. Ajeitou-se no tamborete, retomando a leitura.

“Nada se faz, por outro lado, no sentido de preparar os atletas para enfrentarem a vida após o encerramento da carreira. E, mais importante ainda: ninguém toma a iniciativa de instituir uma entidade que assista o jogador na atival Uma espécie de sindicato que defenda os seus interesses e que oriente cada um na aplicação mais rentável do dinheiro que recebem de luvas, bichos e salários.

“Surgidas há alguns anos, lá pelo Sul, onde andam as tais FUGAPs (Fundo de Garantia do Atleta Profissional)? Parece servirem apenas aos interesses daqueles que as controlam. Pelo menos, nunca empreenderam algo de realmente positivo em benefício daqueles que durante anos tiveram como único meio de vida a prática do futebol. E não esqueçam que auferem percentual das rendas dos jogos. De sindicatos, não se sabe que existam.”

— Onde é que está?

— O que?

— A parte que ataca os clubes?

— Achou não, aí quase no fim?

Bilinha, pouco afeito àquele tipo de exercício, sentia dificuldade em acompanhar a disposição da matéria pelas colunas do jornal.

— É bem isso aqui...

— Lê alto!

“Os clubes brasileiros vivem”...

— É isso aí mesmo. Pode ver que fala.

“Os clubes brasileiros vivem em constantes crises, eclodindo ora no plano econômico-financeiro, ora no setor político-administrativo. Desprovidos de infra-estrutura administrativa, têm as suas atividades desenvolvidas de conformidade com o que pensam e decidem os grupos

dominantes, boicotados, invariavelmente, pelas alas fora do poder. Por vaidade e interesses outros, na maioria das vezes inconfessáveis, esses grupos são capazes de todos os expedientes para se manter de cima. Em consequência de tudo isso, os grandes prejudicados são os próprios clubes.

“O mesmo ocorre em nosso futebol. Agremiações como o Ceará vivem em função de reduzido número de cartolas que se sucedem no ‘duro encargo’ de dirigi-las. (E como brigam para assumir esse ‘duro encargo’!...) E o pessoal que controla a Federação? Nunca se levantaram os abnegados mentores em defesa do futebol que aqui se pratica. Somente améns sabem dizer às determinações da Confederação Brasileira de Desportos.

“A verdade é que os clubes não recebem a necessária assistência dos órgãos a que se filiam e, por sua vez, não se preocupam em traçar diretrizes de ordem administrativa que lhes garantam um desenvolvimento tranqüilo e integral.”

— Pensei que falasse do que os clubes costumam fazer com os jogadores!

— Não gostou, não?

— Ora, só isso... Esse pessoal de jornal não sabe nada. Vão na conversa de diretor. Pensam que se recebe direito aquilo que eles afirmam que pagam. Queria ver um sacana desse jogando futebol, para ver se tinha o descaramento de escrever que a gente bota fora tudo aquilo que ganha.

— Calma, Bilinha!

— Estou calmo. Agora vir com conversa fiada...

— Eles vivem disso. Ninguém pode ir contra a imprensa.

— Não é ir contra a imprensa. Deviam procurar saber primeiro a verdade.

— Eu acho, Bilinha, tenha paciência, que esse rapaz escreveu a verdade. (Zuca despachava agora dois rapa-

zes despidos da cintura para cima, que pediam coca-cola.) Aí não tem nada inventado.

— Está certo, compadre. Não está dito é direitinho.

— Como?

— Que nunca se recebe o salário de uma vez. É só na base do vale, que as luvas — e você sabe disso muito bem — ninguém recebe na ruma. A única coisa que não atrasa muito é bicho. Assim mesmo, nunca pagam em dia.

Os dois rapazes, derreados no balcão, tinham as vistas pregadas em Bilinha, que, todavia, não os fitava.

— Depois vêm com essa conversa de que se gasta tudo. Por que não contam a história direito?

— É isso mesmo, Bilinha!

Os rapazes agora eram três, o terceiro, pretinho como caroço de ata, também nu da cintura para cima, mas bem calçado dos pés e metido em vistosas calças lilases. Os dois primeiros, muito alvos, de frente para Bilinha, o outro em posição inversa. Não diziam palavra.

DEIXOU a mercearia visivelmente transtornado, sem aceitar o aperitivo que o ex-companheiro de clube costumeiramente lhe oferecia. Quase mesmo disparatava para o moço de cor que chegara por último e que, baixinho, se informara do Zuca sobre quem era.

— Sou um lascado! Está me vendo com essa roupinha limpa e de sapatos nos pés, mas não me pergunte como consigo isso! Me vire de cabeça pra baixo, se cair um centavo, pode me chamar de corno!

A ladeira parecia mais empinada. Descia-a apressado, os braços, vez por outra, horizontalizando-se para propiciar o equilíbrio do corpo. O sol, batendo-lhe de rijo na cabeça e nas costas, alfinetava-lhe as virilhas e os sovacos. Ardia o corpo e a alma se queimava numa quentura de muitos graus. E unido a ele, numa extensão do braço, a causa do transtorno, dobrado e redobrado, feito tira compacta, esparzindo as centelhas do incêndio.

Nunca alguém o chicoteara tanto. Nem mesmo o Dr. Sabino, na época diretor, quando lhe comunicou a decisão da diretoria, contrária à renovação do seu contrato. Sim, porque já esperava por aquilo. Um dia haveria de parar, pendurar as chuteiras. Até que o toleraram demais. Para que servia um jogador de futebol sem pernas, incapaz de um pique mais puxado? A razão estava do lado

dos homens, que gastavam do seu para manter uma boa equipe. Porque essa história de torcida sustentar time era conversa para boi dormir. Na hora da renovação dos contratos o dinheiro não tinha outra fonte senão o bolso dos diretores. Por isso se achavam no direito de mandar e desmandar. Torcida é faca de dois gumes. Quando dá para ajudar o time em campo, muito bem, vale o incentivo. Mas quando se dana para esculhambar, não há jogador que agüente.

Parou na Praça da Sé, ao lado da Catedral. Esbaforido. Com fome e sede e a cabeça embaralhando as coisas. Diabo! Que dera no tal repórter que se lembrara dele, que vivia no seu cantinho, esquecido? Só para reabrir uma ferida que parecia cicatrizada, apesar dos pesares. Não, a razão não estava com os homens, muito menos com o Dr. Sabino. Ora, passaram um tempão a enganá-lo, a exigir-lhe o suor e o sangue, depois o enxotaram porque deixara de servir e ainda terem razão? Uma ova! Se não atrasassem tanto o pagamento do que lhe deviam, a essas horas talvez fosse outro homem, com um meio de vida garantido, ganhando o seu sem maior esforço. Não era o que se passava com o Zuca, antigo companheiro no Ceará?

Mas o Zuca fora do seu tempo, também não recebia em dia o ordenado, as luvas e os bichos. Entretanto, firmara-se. A mercearia sortidinha, instalada em ponto central, de sua propriedade, a dois passos do centro da cidade. O dinheiro encompridando. Espelhava no semblante o que lhe ia por dentro. Sorria constantemente e tinha por que sorrir. É, o companheiro Zuca jogara com ele na mesma equipe por muitos anos! Interessante: os contratos dele eram feitos em bases inferiores aos seus! Sucedia sempre assim com jogador de defesa. Com Zuca não houvera exceção, apesar do grande cartaz de que desfrutava, o nome nas páginas dos jornais, chamado de "O Professor". Zuca, porém, fora um miserável, um unha de fome!... Vivia preocupado em economizar, o dinheiro

contado para tudo. Até nas comemorações o bolso permanecia apertado, as mulheres dele correndo como o diabo da cruz. Ah tempos bons aqueles!

O ônibus demorava-se no percurso da longa circular, parando aqui e ali, subindo e descendo passageiro, Birlinha sentado num dos últimos bancos, pelo lado da janela. Agora, sem fome. Apenas fustigado por ligeira indisposição no estômago e uma dorzinha de cabeça renitente.

Seguia a lotação a sua marcha lenta, fazendo surgir, para logo desaparecerem, os quadros todos de um cenário já seu conhecido. A tabuleta pendurada por sobre a janela da casa, avisando que ali se cortavam e pintavam cabelos, mais na frente a pracinha onde a meninada batia bola a qualquer hora do dia e até tarde da noite. Esses pontos chamavam-lhe a atenção em particular. Traziam-lhe recordações e esperanças.

A tabuleta lembrava Aurora. A casa da cabelereira também dispunha de uma peça daquelas, caprichosamente pregada entre a porta e a janela, só que muito mais bem preparada, as letras bastante visíveis, pintadas de branco sobre um fundo verde-escuro. Ela mandava de dona, outras duas moças trabalhando sob as suas ordens. Tão alva, esbelta de corpo, olhos esverdeados e cabelos curtos, sempre louros! Conheceu-a nos bons tempos do Ceará, ela feito cabrito de terreiro, aos pulos e gritos atrás dele quando das vitórias do time. Depois deu para aparecer na sede quase todas as tardes, derretendo-se toda. Aos galanteios e enxerimentos dos outros jogadores apenas sorria.

Onde andaria Aurora, tão bonita e delicada? Teria arruinado de vida como ele? Talvez não. Deveria estar vivendo em algum lugar da cidade, sustentada ou sustentando alguém, que era desse tipo de mulher. E lhe veio à mente, então, o desfecho da amizade. Muitos desentendimentos, indisposições, indiferenças. Não mais adian-

tava continuar com aquilo. Afinal, a fama e o cartaz bateram asas com o derradeiro contrato.

Quantos meninos a correr no gramado da pracinha! O pretinho, tão pequeno, meio cambota, prometia. Ah, o chute era uma coisinha, mal chegara às mãos do goleiro! Força na direita tinha o Mareco! Verdadeira pa-lada! Puxara a ele, Bilinha. O que podia atrapalhar era o diabo da mania por bicicleta, perdendo tempo, na certa, o dia inteiro.

Só ao aproximar-se o ônibus da parada foi que se apercebeu de que não pedira o dinheiro do transporte ao Zuca. Nenhum tostão no bolso, essa não!

E agora?

Mexeu, virou, nada!

— Moço, estou sem dinheiro. Não sei como isso aconteceu. Ando sempre prevenido, você me conhece. Tenho pegado muito este ônibus, com você de trocador, se lembra?

— Sim. Já conheço o senhor.

— Que é que se faz?

— Nada. Isso acontece. Da próxima vez o senhor paga. Tem cara de pessoa direita.

— Quer ficar com a canetinha?

— Precisa não. Pode passar.

— Me desculpe. Acontecer isso logo comigo...

— Passe! Pode passar...

— Está certo.

Passou envergonhado, espremendo-se na rotação da borboleta. Ainda bem que o trocador, distinção em pessoa, não o conhecia de nome, senão, que vergonha, Santo Deus!

OS RAPAZES permaneciam na mesma posição: os dois brancos, de costas para o interior da mercearia, derreavam os corpos no balcão, escorando-se nos cotovelos; o de cor, calado, escutava o desabafo de Zuca.

— Foi um dos maiores pontas-direitas que vi jogar em toda a minha vida. Jogamos juntos no Ceará. Hoje vive lascado. A mulher é quem sustenta a casa.

— Como é o nome dele?

— Bilinha. Nunca ouviu falar? Jogou até poucos anos atrás.

— Já. É que nunca fui de me interessar muito por futebol. Torço Ceará, mas não sei nem a sua escalação. Sabia que o senhor tinha jogado por ele.

Os dois moços brancos já estavam voltados para dentro. Não participavam, porém, da conversa. Zuca deixava transparecer, pela seriedade do rosto e amargura da voz, que realmente sentia a situação do ex-companheiro. Nunca o vira tão transtornado, a ponto de explodir daquela maneira, saindo intempestivamente da mercearia, sem esperar ao menos pelo trago que sempre aceitava ao retirar-se.

As palavras de Bilinha não lhe tocaram apenas o cérebro, enfiaram-se-lhe igualmente pelo coração. (“Me vire de cabeça pra baixo, se cair um centavo, pode me

chamar de corno!") Eram claras e diziam tudo. Não retratavam estado momentâneo de quebradeira. Significavam pobreza, miséria.

Os rapazes olhavam para Zuca e percebiam-lhe a tristeza e a comoção. O de cor tinha os olhos arregalados, fixos no bodegueiro, a boca aberta, numa atitude de atenção; os outros dois, menos concentrados, fitavam-no tão-somente.

Zuca ainda custou a atender ao chamado de Dona Rita para o almoço. Fora preciso a mulher deslocar-se até ele, já um tanto apreensiva.

— Está sem apetite hoje, meu velho? Só estando doente!

— Pode botar que eu já vou. Não é nada, não.

À mesa, mal fez descerem duas colheradas do feijão e arroz, acompanhadas de um taco de carne. Não quis saber de farinha nem do caldo com que arrematava quase sempre o almoço, caldo gorduroso, temperado com pimentas picadas dentro do próprio prato. Sentiu gosto, apenas, no café, chegando a esvaziar duas xícaras. É que não conseguia desviar o pensamento dos sucessos da manhã. A imagem de Bilinha diante de si, desnuda, tal qual a vira minutos antes, assemelhando-se a u'a máscara, diferente, muito diferente, daquele semblante risinho e descontraído que invariavelmente carregava. Se é verdade que o rosto funciona como espelho da alma e que, por isso mesmo, reflete o estado interior, Bilinha nunca deixou de apresentá-lo sereno, o riso brotando fácil, os olhos irradiando tranqüilidade.

Dona Rita admirou-se de verificar que o marido mal tocara na comida. Falta de apetite? Doença? Algum contratempo? Não podia ser outra coisa. Desde que se casara com Zuca, conhecia-o como um boa-boca, comendo de tudo no instante em que se lhe oferecesse. Sim, algo estava se passando com ele. Ah, agora compreendia

o motivo da demora em ele entrar para o almoço! Tinha de descobrir, mas onde se metera o homem, que não voltara ao posto na bodega, não permanecia à mesa, nem ao quarto se recolhera?

Encontrou-o sob a latada, no quintal, junto à gaiola do galo-de-campina, o rosto rente aos palitos, o olhar acompanhando a inquietação do pássaro no incessante exercício de saltos pelos balanços da prisão. Postou-se ao seu lado e entrou, igualmente, a fitar o pássaro, em idêntica postura.

O quadro denunciava contrastes, acentuados em planos diferentes. Primeiro, o desnivelamento físico entre o casal: Zuca, alto e robusto; Rita, baixinha e mirrada. Ambos, todavia, morenos. Outro se comprovava no comportamento dos que o compunham. Enquanto o casal evidenciava atitude de imobilismo e de silêncio, o galo-de-campina era todo agitação, largando o pio característico a cada pulo que dava. Um terceiro depreendia-se do estado de liberdade de que desfrutavam os donos, em contraposição à clausura a que a ave fora condenada.

Não ocorresse a Zuca a lembrança de que a mercearia deveria estar em abandono e decerto ainda demorassem bastante ali, colados à gaiola. A mulher assumia o seu lugar nas horas reservadas às refeições, o que impedia de os dois sentarem à mesa ao mesmo tempo. Se ela para lá se deslocara, podia haver esquecido de fechar as portas.

— Tu fechou a bodega?

— Deus do céu, esqueci!

— Qualquer dia, do jeito que tem ladrão por esses lados, entra um e leva até a gente.

— Que é que você tem, meu velho, que está hoje assim?

A mulher soubera aproveitar o momento propício para sondar a causa do mal-estar que abatia o marido, a ponto de eliminar-lhe o apetite.

— Alguma dor de cabeça ou aborrecimento?

— Nada.

— Eu posso ajudar?

— Ajudar em que?

Fez-se breve silêncio entre os dois.

— É que eu estou chateado com o que sucedeu com o Bilinha.

— Que foi? Alguma desgraça?

— Não. Foi o que publicaram dele no jornal, dizendo que jogou fora o que ganhou no futebol e que hoje vive na miséria.

— E que culpa tu tem disso? Se martirizar pelos outros! Sei que vocês jogaram juntos, são amigos, mas isso é outra coisa.

— É porque você não viu como ele ficou depois que leu o jornal. Parecia outro, um louco!

— Coitado! Isso acontece com quem só pensa no dia de hoje.

— Se arrependimento matasse, estava morto. Mil vezes não tivesse dito nada àquele repórter.

— Que repórter?

— Oh, Rita, aquele que escreveu no jornal sobre mim!

— Sim. Onde ando eu com a cabeça...

— Se eu pudesse ajudar o miserável...

— Talvez possa!

E o silêncio se fez novamente entre os dois.

7

A FOLHINHA (estampa de São Jorge, montado no inseparável cavalo branco, a lança e as patas dianteiras da montaria sujigando o dragão) marcava quarta-feira, três dias decorridos da esperada visita de Irene a casa de Bilinha. Ele, que não chegara a dar maior importância ao propalado interesse da moça em ajudá-los, já nem se detinha em pensar no caso, quando Matilde tocava no assunto. A mulher, pelo contrário, mostrava sinais de preocupação. Não aceitava os argumentos do marido de que Irene se fizera passar por boazinha apenas para colher as informações que desejava, que não iria ligar para gente pobre, habitante do Canal. Não chegaram a discutir porque não eram de exaltações, cada qual dotado do mais apreciável espírito conciliador.

Matilde, entretanto, por desconhecer o incidente da segunda-feira na mercearia do Zuca, atribuía à não concretizada visita da moça do padre a causa do aborrecimento que envolvia o marido. Daí, vez por outra, puxar o assunto, buscando justificativas para o procedimento da estudante.

Mal deu tempo de Bilinha chegar e começou a chover, uma chuva grossa, tangida por forte ventania. A seguir foi um baticum de portas e a correria ruidosa dos transeuntes.

Dentro em pouco desceria a enxurrada, conduzindo a mais variada sorte de cousas lançadas no Canal em

meio ao lixo. Se a chuva se prolongasse por algumas horas, haveria, na manhã seguinte, farta diversão para a garotada. Em caso, porém, de aumentar o aguaceiro, correriam as famílias o risco de assistir, impotentes, ao espetáculo da inundação de seus casebres. Quase todo ano o fato se repetia. Então a miséria assumia proporções de calamidade, fácil de imaginar.

— Eta pau, hoje é dia de cachaça!

Eis o brado do homenzinho que passava em marcha acelerada na direção da bodega do Seu Nozinho. Lá se incorporaria a outros. Formariam rodas animadas sob a latada da frente. Alguém decerto mandaria esquentar sardinha para a farofa, e a aguardente jorraria generosa nos copos dos circunstantes. Todos beberiam, pouco importando que trouxessem ou não consigo o dinheiro para os tragos.

Enquanto naquela noite aumentaria o apurado do Seu Nozinho, quase nenhum rendimento aufeririam o locutor Zé Maria e o Louro do Posto de Bicicletas São Francisco.

Com a chuva crescendo de intensidade, Matilde avaliou a impossibilidade de deslocar-se até a casa de Dona Mariinha. Não obstante a choradeira que tão bem sabia representar nos momentos de pagamento (Seu Carlinhos, o marido, ainda era pior. Só faltava pedir que ela batesse de graça), Matilde se afeiçoara a Dona Mariinha. Prendia-a, sobretudo, a postura de humildade que a mulher carregava constantemente, sempre se esmerando nos agrados, desde que, naturalmente, não representassem dispêndios.

— Com tanta chuva e o Mareco na rua!

— Quase que me pega no caminho. Também com o calorão que estava fazendo! Hoje à tarde foi de lascar!

— Será que deu pra ele chegar no Grupo?

— Ora, Matilde, o Mareco sabe se virar. Se não deu, está passando em alguma parte. E, mesmo, chuva

de inverno não faz mal a ninguém! Vamos, fecha a porta! Bota o jantar!

— Vou esquentar.

— Já pensou o porre que o Seu Raimundo vai tomar hoje?

— Com esse tempinho, não tenho nem dúvida!

— Que é que a gente faz pra tirar as goteiras desta casa?

— Só se cobrir de novo. Não tem uma telha inteira. A cozinha parece até que não tem coberta. Parece um chiqueiro de porco. É um lamaçal danado.

Bilinha abraçou-se com o prato de baião-de-dois.

— Hoje não tem uma misturazinha, mas a farinha é boa...

Retornaram à salinha onde as crianças, friorentas, se amontoavam. Matilde trouxe a panela com o que sobrara da comida. Foi o bastante para que o grupo se deslocasse para junto de si, os olhinhos de cada um projetados na panela. Dali a instantes estavam a receber na boca os moleques de baião-de-dois que a mãe ia amassando com a mão.

— Mãe, moleque é bom! Faz amanhã de novo!

Bilinha desbastava o volumoso prato sem dizer palavra, a atenção, no entanto, presa aos filhos e à mulher, indiferente à queda da chuva e às proclamações dos banhistas de última hora.

— Chuva, mãe de Deus!

— Quem pode mais do que Deus?

Mareco voltou ensopado, com os livros metidos num saco de plástico, assovacados, tremendo como vara ver-

de. Quase lançava a portinhola ao chão no afã de livrar-se da chuva.

— Por que não esperou que passasse mais, meu filho?

— Ora, mãe, não vai passar tão cedo! A Tiradentes está que é um lameiro só. Ia perdendo uma chinela. Tem é gente na bodega do Seu Nozinho!

Olhando para o menino, Bilinha o imaginava, já adulto, em pleno campo de futebol, disputando uma partida sob um chuveiro, como acontecera com ele em muitas oportunidades. Era coisinha para achar cacete. Os atletas, o juiz e os bandeirinhas pedindo a Deus que terminasse. E lhe vinham à recordação algumas pelejas travadas em Belém, com os times locais levando nítida vantagem sobre os visitantes, porque acostumados a jogar em campo encharcado. Ah os seus tempos!

Lá fora a chuva continuava na mesma intensidade, alegrando uns, entristecendo outros.

— Chuva, mãe de Deus!

— Quem pode mais do que Deus?

— VIM aqui para me desculpar. Não apareci antes porque não pude.

— Desculpar de que, minha filha?

— Ora, fazer a senhora esperar!

— Esperar em casa não cansa.

— Eu trouxe umas coisinhas para os meninos e tenho uma novidade para a senhora. Adivinhe!

— Não sei.

— Que foi que lhe prometi?

— Tanta coisa boa...

Matilde, de imediato, rememorou passagens de conversas mantidas com Irene. Era-lhe fácil precisar os pontos que representavam as promessas de ajuda. Ah se fosse o emprego que o padre Pedro conseguira para Bilinha! Ou, ao menos, o do Mareco!

— Não adivinhou ainda não?

— É o emprego do Bilinha.

— Não.

— O do Mareco, meu filho.

— Não.

— Então, não sei...

A moça sorria, fitando o embaraço de Matilde, e o gesto sintetizava toda a ternura e admiração que a humilde criatura lhe despertava. Sabia que padre Pedro,

ao destinar uma das casinhas da vila paroquial à família de Bilinha, estava fazendo-o mais a ela, Irene, do que atendendo à situação dos beneficiários, idêntica por sem dúvida à de inúmeras outras do populoso bairro. Sobre-tudo, levando-se em conta que o diagnóstico sócio-econômico realizado evidenciava camadas menos favorecidas ainda.

— Olhe! Procure se lembrar. É uma coisa de que lhe falei já faz algum tempo.

Muito em breve teria início a construção das casinhas, em terreno da paróquia, logo próximo da igreja. O prefeito se entusiasmara com a iniciativa de padre Pedro de utilizar mão-de-obra dos próprios futuros inquilinos, em horários especiais de trabalho, sobretudo aos domingos. Engraçado como ainda algumas pessoas se mostraram escandalizadas ao saber da decisão do vigário nesse particular, naturalmente deslembradas de que ao Senhor mais agrada o trabalho honesto, voltado para uma finalidade nobre, do que o lazer comprometido com o vício! Que se danassem os fariseus da freguesia: a vila paroquial, mais cedo do que se esperava, estaria edificada. Nem que fosse preciso o lançamento de novas campanhas, a exemplo do que ocorreria com a do tijolo e da cal, plenamente vitoriosa. O material ali permanecia à disposição do padre.

— Achei muita graça, doutor. Aconteceu de tudo nessa campanha.

Um dia, padre Pedro se demorava, de-manhãzinha, na sacristia, quando chegou uma senhora idosa com um embrulho, dizendo que era a sua ajuda para as casinhas. Pensou ele em tudo, menos naquilo com que iria deparar-se ao abrir o pesado pacote.

— Imagine, doutor: eram dois tijolos, desses vermelhos!

Matilde e a moça continuavam de pé, a sorrirem, sob os olhares das lavadeiras mais próximas. O riacho da Fábrica corria farto, alargando-se aqui e se estreitando ali, até ganhar a chácara, no outro lado da Padre Romão. O inverno pegara cedo, desde princípios de janeiro.

— Como é, não vai adivinhar, não?

Se não era o emprego do Bilinha, nem o do Mareco, que boa nova poderia trazer-lhe Irene? Não havia meio de passar-lhe pela cabeça a idéia das casinhas de que a moça lhe falara meses atrás.

— Diga logo, minha filha! Não tenho mais em que pensar.

— Calma! Daqui a pouco você descobre.

— É que não consigo me lembrar de outra coisa que você me tenha prometido, e o emprego do Bilinha seria o melhor presente que eu poderia ganhar e ele também, coitado!

— Sabe, Dona Matilde, eu tenho pensado muito na situação da senhora. Não consigo entender como é que ele, desde que deixou de jogar, ainda não conseguiu um emprego. Me perdoe, mas será que ele procura mesmo?

— Acho que procura.

— Mas, procurando, acha...

— Emprego hoje está muito difícil, e ele tem vergonha.

— Vergonha de que?

— Sei não. Ele é muito conhecido. Já foi famoso. Os jornais viviam falando dele. Quase todo dia saía o retrato dele com a camisa do Ceará.

Irene aproveitou o ensejo para saber mais a respeito de Bilinha, o ídolo, e, ao mesmo tempo em que encontrava as respostas desejadas, procurava identificá-lo de

relance com outros ídolos populares dos dias presentes. Depois, quem sabe, poderia aprofundar estudos sobre o comportamento de tais tipos enquanto lhes durava a fama, por sinal, agora bem mais efêmera. Não devia dispensar a entrevista com ele, a fim de conhecer de perto as suas dificuldades em adaptar-se à vida comum das pessoas da sua classe. Depois, Matilde falava tão bem do marido, apesar da sua quase permanente inatividade, que das duas uma: ou a mulher era dessas pessoas para quem as coisas se apresentam bem da maneira que se sucedem, ou, então, a figura humana de Bilinha se agigantava tanto perante ela, a ponto de encorajá-la a enfrentar as dificuldades que vinha defrontando.

— Olha! Preciso falar com o Seu Bilinha.

— Era até bom! Ele anda acabrunhado. Passou a noite de ontem se ardendo em febre. Falava tanta coisa esquisita...

— É gripe?

— Não sei. Gripe não dá dessas febres todas.

— Que foi que você deu pra ele?

— Só um chá de eucalipto, já quase de manhã. Estou com medo de alguma doença doida.

— Não se preocupe, não. Deve ser apenas uma gripe forte.

— Tomara!

Matilde passou então a recordar palavras e frases que o marido repetia com mais freqüência, virando-se na rede sem encontrar posição. Irene demonstrava alheamento.

Depois, readquirindo a sua costumeira jovialidade:

— Hem! Me diga uma coisa: que mais você gostaria de ganhar — o emprego do Seu Bilinha ou uma casa para morar? Vamos!

— Ah! Já sei. Você conseguiu com o padre uma casinha da vila.

— Exatamente!

— Onde é que eu estava com a cabeça que não me lembrei das casas que você falou?

— Satisfeita?

— Ora, minha filha! É tão bom como o emprego.

— Não se incomode que o emprego ainda se arranja.

As lágrimas inundaram os olhos de Matilde, deixando neles perceber todo o agradecimento que as palavras — se as encontrasse naquele instante — jamais chegariam a expressar.

A FIGURA de Zuca, imperturbável e silente, avultava na pequenina sala. Tudo se passara tão de repente que colhera o Canal de surpresa. Para muitos, mais importante que o mal que acometera Bilinha era identificar o estranho que chegara às pressas, determinara uma série de providências e ali permanecia naquela atitude de alheamento, fitando um ponto qualquer ou talvez sem fitar algum. Havia sido a primeira pessoa de quem Matilde se lembrara nos momentos da aflição. Agora o resto só a Deus cabia decidir.

O homem da ambulância não permitira que Zuca ou Matilde acompanhasse o enfermo ao hospital. Fora peremptório na negativa, a importância sufocada pelas vestes brancas, com o gorro descendo até os olhos.

— Calma, comadre! Tenha paciência. Tudo vai dar certo. Fé em Deus!

— Tenho fé em Deus e confiança no senhor, comadre. Não deixe Bilinha se acabar!

Nada restava a fazer senão aguardar. Mais tarde, à boquinha da noite, Zuca iria saber notícias. Mareco o acompanharia para trazê-las à mãe. O menino, apesar de triste e comovido, mantinha-se atento ao desenrolar dos acontecimentos, olhos e ouvidos dirigidos para o padrinho.

Muito ainda demorou até que os circunstantes abandonassem a casinha, nela ficando apenas a vizinha da

direita com quem Matilde estreitara laços de amizade. Mas não retornaram às suas ocupações costumeiras, se é que as tinham. Isolaram-se em pequenos grupos para mais à vontade poder comentar os sucessos todos da tarde. Assim vivia o Canal: em tudo uma novidade, em cada novidade um motivo de ajuntamento ou comentários.

Matilde, tão logo Zuca e Mareco dobraram a ponta do Canal, já na Avenida da Vitória, recolheu-se ao minúsculo compartimento que servia de quarto, agarrou-se aos punhos da rede armada e derramou as lágrimas até então retidas. A vizinha da direita, sempre a confortá-la. Que não se preocupasse, pois o que acontecera a Seu Bilinha não haveria de ser nada de grave. Mareco decerto voltaria com a boa notícia. Que esperasse.

No ônibus, Zuca encontrava dificuldades para comunicar ao menino o desejo de Bilinha de que viesse a transformar-se também num jogador de futebol, de técnica mais apurada e por isso mesmo mais famoso do que fora ele nos tempos áureos do Ceará.

— Não sei se você já percebeu isso que estou lhe dizendo. Você sabe como é seu pai...

Mareco ouvia as palavras do padrinho com toda a atenção. Depois o ônibus parou e os dois desceram em busca da verdade.